

Natieli Luiza Branco
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este trabalho tem por objetivo reflexionar sobre a produção/circulação de sentidos no dicionário, mais especificamente, nos prefácios e no verbete gaúcho. Para isso, nosso corpus é constituído por três dicionários regionalistas. De acordo com a Análise do Discurso de linha francesa e História das Ideias Linguísticas, tais como vem sendo desenvolvidas no Brasil, este trabalho desenvolve-se uma análise discursiva e comparativa entre esses dicionários, seus verbetes e definições a fim de verificar possíveis aproximações ou diferenciações entre uma imagem de gaúcho e outra.

Palavras-chave: dicionário, discurso, sujeito, gaúcho, verbete

Abstract

This work aims to reflect on the production / distribution of senses in the dictionary, more specifically, in prefaces and in the entry Gaúcho. To this end, our corpus includes three dictionaries regionalist. According to the analysis of French Discourse and Linguistic History of Ideas, such as being developed in Brazil, this paper develops a discursive and comparative analysis between these dictionaries, words and their definitions in order to identify possible approaches or differences between an image and a gaúcho.

Key words: dictionary, discourse, subject, gaúcho, entry

Considerações iniciais

Este trabalho constitui-se de análises parciais obtidas a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “*Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil*”¹; e tem por objetivo reflexionar sobre a produção/circulação de sentidos no dicionário, mais especificamente, nos prefácios e no verbete gaúcho. E assim, verificar como se dá o imaginário sobre o sujeito que é gaúcho e que é brasileiro. Para isso, nosso corpus é o *Vocabulário sul-rio-grandense* organizado pela editora Globo, 1964 o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, de 1984 e o *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de João Batista Alves Bossle, de 2003.

A representação do gaúcho foi evoluindo, tomando diferentes concepções e isso é institucionalizado nos dicionários. Concebemos dicionário como objeto discursivo e o prefácio como material para estudar as condições de produção do discurso, nos quais,

¹ Projeto orientado pela Prof^a. Dr^a. Verli Petri (financiamento FIPE/UFSM)

juntamente com os verbetes podemos perceber a posição do lexicógrafo/dicionarista em determinado contexto, em determinada formação social; fazendo-se a relação com a sociedade e a história. De acordo com a Análise do Discurso de linha francesa, tal como foi concebida por Michel Pêcheux e vem sendo no Brasil nas últimas décadas, e pelos princípios metodológicos propostos por Horta Nunes em seus estudos sobre os dicionários no Brasil, este trabalho desenvolve-se uma análise discursiva e comparativa entre esses dicionários, seus verbetes e definições a fim de verificar possíveis aproximações ou diferenciações entre uma imagem de gaúcho e outra.

Para este trabalho, tomamos o dicionário como objeto de análise e propomos um olhar sobre ele como objeto discursivo, ou seja, vê-lo como discurso. E discurso é produção de sentidos. Assim, como diz Pêcheux (1990), produção de sentidos entre interlocutores. E nosso método de análise é o proposto pela Análise de Discurso (AD) de linha francesa, pois permite olhar para o dicionário compreendendo o movimento de sentidos.

A AD coloca em questão o ‘como’: ‘como esse texto é produzido?’. E não procura uma resposta exata, mas a constituição do conhecimento a partir do texto. Por mais que o dicionário forneça a ilusão de estabilidade, a AD procura compreender o movimento dos sentidos nos dicionários.

Comumente tem-se uma visão de dicionário como um objeto de consulta, onde fica transcrita a língua culta; é o lugar da certeza, não cabe a dúvida. É onde, em nossos momentos de dúvida, recorremos para saber o significado de determinada palavra. Não deixa de ser uma referência, uma obra de consulta. Porém, se por um lado o dicionário é visto como referência, um discurso da certeza, por outro, ele tem sua historicidade. Se tomarmos dicionários de diferentes épocas, percebemos que há transformações, atualizações, renovações. O dicionário possibilita “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (Nunes, 2006, p. 11). Ainda segundo esse autor, no dicionário “as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época.” (p. 11), ou seja, o dicionário não é somente lugar de consulta, de certeza, ele faz parte de uma historicidade, de uma época e é, portanto, “lugar de observação do léxico”. (Nunes, 2001, p.101).

Algumas considerações teóricas

Para este trabalho, tomamos como corpus dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul. Nosso corpus, como citado anteriormente, é o *Vocabulário sul-rio-grandense* organizado pela editora Globo, o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes e o *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de João Batista Alves Bossle. Queremos a partir destes, realizar algumas verificações iniciais dessas transformações, manutenções, atualizações de sentidos via dicionarização do verbete gaúcho. Para tanto, primeiramente propomos uma introdução sobre algumas considerações teóricas, envolvendo a questão do discurso, sentidos, dicionário na perspectiva da Análise do Discurso (AD) e História das Idéias Lingüísticas (HIL), para depois falarmos sobre o verbete gaúcho, que mostra imagens do sujeito gaúcho para com isso, podermos verificar a relação entre sujeito e saber lingüístico. Para este estudo temos como aporte teórico a Análise de Discurso de Linha Francesa (AD) e a História das Idéias Lingüísticas (HIL) tal como essas vêm sendo desenvolvidas no Brasil, tomamos como referência, principalmente, Eni Orlandi e José Horta Nunes.

Cabe destacar neste trabalho, já que nos propomos a realizar uma análise discursiva, falar sobre o que consideramos por discurso. Discurso, segundo Orlandi (2009) é o lugar em que a ideologia e língua se relacionam, com produção de “sentidos por/para os sujeitos” (p. 17).

O discurso é o funcionamento da linguagem, onde podemos perceber os sentidos e a constituição de sujeitos através da mesma. Orlandi (idem, p.21) traz definição de discurso como “efeito de sentido entre os locutores”. Os sentidos se estabelecem na relação entre locutores.

Para entender o sentido se deve ir além da evidência. Os sentidos se relacionam com a exterioridade, remete-se à memória, à circunstância e não dependem somente da intenção do sujeito.

Para que haja sentido, segundo Orlandi (2009), deve haver relação do sujeito com a língua e com a história e a ideologia intervém nessa relação para o funcionamento do imaginário. É pela ideologia que há a constituição das imagens e do sujeito. Porém, não há sujeito nem sentidos completos. “É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz” (idem, p. 53). E linguagem é incompletude. Não há uma significação dada, os sentidos se constituem em formações discursivas que se relacionam com o simbólico. Os sentidos se movimentam, pois se fixam na língua e na história.

É desse modo que temos que olhar para o dicionário, como discurso. E “como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e

desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos” (Nunes, 2006, p. 18).

Anteriormente, falamos em tratar o dicionário na perspectiva da AD e HIL; isso porque a articulação entre a Análise do Discurso e a História das Idéias Lingüísticas mostram os dicionários como lugar de descrição das línguas, responsáveis pela reprodução, transformação e circulação dos discursos em uma sociedade, como afirma Nunes (2006).

Os dicionários e seus prefácios: condições de produção do discurso

Segundo Nunes (2006), os prefácios são materiais importantes para verificar as condições de produção do dicionário. Entendem-se condições de produção como “formações sociais e os lugares que os sujeitos aí ocupam” (idem, p. 19). É nesse espaço que percebemos a posição do sujeito dicionarista.

O prefácio, segundo Petri (2009), é entendido como um texto com funcionamento próprio, ele pode ser produzido pelos editores, pelo autor ou pode ser escritos por terceiros. De qualquer forma, seja na posição de editor, autor, ou por terceiros, os prefácios revelam a ideologia, a história, a posição sujeito presente em cada obra, além de representar a obra, enaltecendo-a. Traremos agora para reflexão os prefácios dos dicionários. Antes, porém destacamos que os presentes dicionários são do século XX e XXI, de circulação na região sul do Brasil.

Quadro 1. Recorte do prefácio do *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, 1964

Prefácio do *Vocabulário Sul-rio-grandense*, 1964, assinado pelos editores:

“Para pesquisadores de um substrato lingüístico ou da realidade atual dos usos regionais, uma obra que reúna contribuições de diversos vocabulários dessa região, é indispensável para consulta.”

[...] *“Surge agora este vocabulário único, rico de interpretações e completado pela coleta múltipla de termos usados no Rio Grande do Sul.”*

[...] *“Foi unificada a ortografia, pois cada obra pertencia a uma época” [...]*

[...] *“Desde os primeiros estudos e esforços para recolher e reunir em uma publicação os vocábulo regionais, tem-se observado a riqueza de fatôres que contribuíram para o linguajar gaúcho.”*

[...] *“este vocabulário é uma síntese de pesquisas locais, testemunho da formação de uma realidade regional [...] significa, ainda, o acesso facilitador a todos os que querem penetrar e compreender os usos lingüísticos do Rio Grande do Sul”.*

Com base nas nossas reflexões iniciais, podemos perceber que esse dicionário está voltado para, mais que simples leitores, leitores que estão interessados na cultura gaúcha, em saber “as características lingüísticas próprias” do “linguajar gaúcho”; aos que “querem penetrar e compreender os usos lingüísticos do Rio Grande do Sul”; o trabalho de grandes pesquisadores da tradição gaúcha. Por isso, houve a necessidade de unificar a ortografia, pois foram reunidas diferentes vozes para a compilação do dicionário.

Nele podemos perceber um lugar em que a memória está presente, pois é um trabalho sobre o já-dito. Esse já-dito é o interdiscurso, que como define Orlandi (2009, p.31), é “o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.”

Interdiscurso é a memória do dizer; por meio do interdiscurso que se compreende a formação de uma memória lexicográfica. Nenhum discurso é uma origem absoluta. “Sempre há um já-dito que precede o dizer.” (Nunes, 2006, p.24). Sendo assim, também o dicionário é uma memória discursiva, pois consiste em “um trabalho sobre o já-dito; um trabalho de seleção, reformulação, retomada, ruptura.” (idem, p. 24).

O recorte (Quadro 1) também nos mostra a tentativa de mostrar a realidade gaúcha: “formação de uma realidade regional”, indicada em todas as acepções presentes.

Quadro 2. Recorte do prefácio do *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, 2003

<p>Prefácio do <i>Dicionário Gaúcho Brasileiro</i>, 2003, assinado pela editora e pelo autor Título: “Nota da Editora” Texto: [...] “e se esse dicionário não é um dicionário genérico da língua, mas um específico, mais ainda devemos nos cercar de cuidados.” [...] “faz-se necessário, indispensável mesmo, reunir, coligir e descrever a fonte e o significado de termos que num extremo do Brasil são familiares e no resto do território nacional soam quase como bizarrices”</p> <p>Título: “Nota do Autor” Texto: [...] “registrado em dicionário seu imenso e multifacetado universo lexical” [...] “espero colaborar com todos aqueles que procuram um melhor entendimento para o nosso linguajar [...]”</p>
--

Nesse recorte (Quadro 2), não se observa uma imagem de leitor culto como se observava no *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, mas sim a de um leitor que se interessa por entender melhor o linguajar gaúcho. E ainda o sujeito dicionarista, através do pronome “nosso”, também se considera pertencente a esse universo gaúcho. Mesmo esse recorte do

prefácio do *Dicionário Gaúcho Brasileiro* aponta para essas divergências em relação ao recorte do prefácio do *Vocabulário Sul-rio-grandense*, há entre eles uma concordância enquanto à linguagem gaúcha, os dois tratam do “linguajar gaúcho”. No recorte referente à nota da editora, percebemos também a importância da realização de um dicionário “específico”, de regionalismos; podemos notar o enaltecimento da obra em questão, pois trata que elaborar um dicionário de regionalismos requer mais “cuidados”.

Quadro 3. Recorte do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, 1984

Prefácio do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, 1984, assinado por Hugo Ramirez e pelos autores:

Título: “Apresentação”

Texto:

[...] “A par de seus belos e líricos versos, construíram, em paciente e carinhosa tropeada pelos escampados largos da fala dialetal do gaúcho” [...]

“A obra pretende abraçar todas as tropilhas vocabulares”

“A obra os consagra, sem dúvida, mas consagra mais ainda ao Movimento Tradicionalista Gaúcho”

“A obra valoriza, sobremodo e antes do mais, o patrimônio semantológico e coloquial do Brasil, em sua área de cultura meridional”

Título: “Notas dos autores”

Texto:

“Este dicionário, iniciado há mais de meio século, [...] continha, de início, apenas os termos mais tipicamente gaúchos; [...] aos poucos, porém, se foi enriquecendo com palavras e expressões colhidas não só na linguagem falada no território rio-grandense [...] mas também em centenas de obras” [...]

O recorte do prefácio deste dicionário (Quadro 3) apresenta dois textos introdutórios: um assinado por Hugo Ramirez (poeta) e outro é uma *Nota dos Autores*. O primeiro texto, é uma apresentação dos autores e depois da obra, é assinado por Hugo Ramirez, que é poeta, percebendo, desse modo, que sua linguagem é aquela utilizada pelos poetas (de exaltação, rebuscada...). Neste texto, há a caracterização de um dicionário de regionalismos (“abraçar todas as tropilhas vocabulares”, “obra valoriza, sobremodo e antes do mais, o patrimônio semantológico e coloquial do Brasil, em sua área de cultura meridional”), ressalta-se o valor do tradicionalismo e de um dicionário regionalista (“a obra [o dicionário] os consagra, sem dúvida, mas consagra mais ainda ao Movimento Tradicionalista Gaúcho”), bem como o trabalho do dicionarista. Podemos perceber, concordando com Petri (2008), que este recorte de Hugo Ramírez dá ao dicionário regionalista o “estatuto de lugar do saber lingüístico, de abrangência superior à região a qual se refere prioritamente” (idem, p. 235)

No segundo texto, assinado pelos autores, marca o tempo realizado para fazer o dicionário, bem como a descrição do seu processo: no começo, o dicionário continha somente termos tipicamente gaúchos, utilizados no interior do RS, mas aos poucos se foi enriquecendo com termos falados em todo o território rio-grandense, com expressões também de obras, em prosa ou verso. Também mostra que a realização de um dicionário não é uma tarefa fácil e ele não é uma simples obra, aqui também se engrandece a obra. O espaço, de onde os autores falam, também é demarcado: interior do Rio Grande do Sul.

Nos prefácios dos dicionários pode-se observar a tomada de posição do sujeito dicionarista, interpelado pela sua história, pela sua ideologia; mas não se trata de um sujeito empírico, mas sim verificar sua posição ante uma formação discursiva dada.

O dicionário de termos regionalistas funciona como um lugar de referência e de preservação de um patrimônio lingüístico-cultural, conforme nos diz Petri (2008); por autores preocupados com a conservação da cultura gaúcha.

Os dicionários e o verbete gaúcho: efeitos de sentidos

Nesta parte do trabalho, traremos para reflexão o verbete gaúcho presentes nesses dicionários. A representação do gaúcho foi se alterando, tomando diferentes concepções e isso é institucionalizado nos dicionários; ele passa por diferentes sentidos para ser designado como um tipo social geograficamente posicionado.

A designação gaúcho vem de um outro lugar, instaura-se ao sul da América, recupera sentidos, transforma-se e passa a significar de diferentes formas através dos tempos, conforme reinvenção imaginária, mas na maioria das vezes nos remete às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando de forma mais genérica o gaúcho como um ser essencialmente telúrico. (Petri, 2008, p. 230)

E no caso específico de um dicionário regionalista, há sentidos promovidos pelos falantes daquela região. Os dicionários de regionalismos funcionam como preservação do léxico gaúcho, fazendo-se pensar em uma identidade regional. Pois esses dicionários ao mesmo tempo em que atualizam um saber, o mantêm, para não se perder essa linguagem gaúcha, como já afirmamos anteriormente. E através dos instrumentos lingüísticos se coloca em destaque um imaginário sobre o gaúcho e seu linguajar. Como coloca Petri (2010), trata-se da manutenção de saberes, da manutenção de uma história, de uma identidade dita como “gaúcha”, via especificidade lingüística.

O verbete gaúcho no *Vocabulário sul-rio-grandense*² possui acepções de vários autores, preocupados com a definição do sujeito gaúcho como tipo social e com sua origem etimológica. Isso faz com que haja a repetição de dizeres nas acepções, ou a definição é dita de outro modo.

A primeira acepção de gaúcho presente no *Vocabulário* é feita por Coruja; ele classifica o verbete como substantivo e traz a definição em poucas linhas, diz que o gaúcho é *“índio do campo sem domicílio certo [...] não é permanente em parte alguma”*. Essa definição é datada do século XIX. O gaúcho, dessa época, não era definido de forma positiva, como é visto hoje, ele era visto como não civilizado. Essa definição nos remete a pensar num ser primitivo, que não tinha morada certa.

Seguindo, Romaguera Corrêa classifica como substantivo e adjetivo; traz mais de uma acepção para o verbete incluindo a origem, exemplos, definições. Esse sujeito dicionarista, algumas décadas depois, mantém a definição de Coruja, dizendo que *“não tinham habitação certa”*, mas a atualiza; o gaúcho não tinha domicílio/habitação certa porque eram *“obrigados a mudar freqüentemente de sítio, por causa dos contínuos ataques de seus inimigos”*. Ao longo dessa acepção, há, digamos, a evolução do gaúcho, é apresentada sua origem, porque logo em seguida Romaguera traz que *“Hoje, porém, aplica-se este termo aos indivíduos da campanha, que montam com garbo, elegância especial, e que são bons cavaleiros; camponês, campeiro [...]”*. Aqui não se observa mais aquele gaúcho que luta, que vai pra guerra e que não tem morada certa, aqui já apresenta um gaúcho cavaleiro. Ainda na definição de Romaguera Correa, há a exemplificação do gaúcho rio-grandense: *“o gaúcho [...] rio-grandense [...] é um dos melhores soldados do mundo, pela sobriedade, valor, constância [...] afeito a tôdas as intempéries, identificado com o cavalo [...]”*. É tratada também sobre a linguagem gauchesca, que é: *“o dialeto rio-grandense ou mais propriamente, o que falam os camponeses rio-grandenses”*.

A acepção de gaúcho por Roque Callage retoma, no seu início, a definição de Romaguera Corrêa para depois introduzir a sua própria definição: *“gaúcho é [...] o tipo representativo da vida acidentada das coxilhas, da existência patriarcal das nossas fazendas ou estâncias, onde se perpetuam costumes e hábitos gaúchos”* e continua *“por gaúcho se têm hoje, com orgulho, todos os filhos do Rio Grande do Sul”*. Callage classifica o verbete também como substantivo e adjetivo, retoma a definição de gaúcho do outro sujeito dicionarista para introduzir sua definição do gaúcho atual.

² Tomamos para este trabalho somente as três primeiras acepções de gaúcho presentes nesse *Vocabulário*.

Pode-se perceber, agora, uma definição positiva do gaúcho, que é motivo de orgulho ser designado de tal maneira. Pode-se concluir que essa definição positiva faz parte de outra formação discursiva, de outra relação com a história, pois já adentramos no século XX. Esses três recortes de definição sobre o gaúcho já nos fazem pensar em uma identidade sul-riograndense que será mantida e atualizada nos discursos sobre o mesmo.

O *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003) traz a definição de gaúcho em duas páginas e o classifica o verbete também em substantivo e adjetivo; sua primeira acepção é: “*o habitante ou natural do Rio Grande do Sul*” seguido de “*pessoa do interior [...] dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras.*” Aqui, o sujeito dicionarista retoma as definições já dadas ao gaúcho. Ele também apresenta sua ordem cronológica: “*antigamente: caçador de gado selvagem, contrabandista, teatino, andejo, coureador, desregrado, gaudério, changador [...] com o tempo, a partir de meados do século XIX, a palavra perdeu sua conotação pejorativa, revestindo-se de conteúdo nitidamente elogioso, de homem digno, bravo e destemido.*” Apresenta exemplos com canções nativistas para reforçar sua definição. Na sua definição sobre o gaúcho, ele mantém a imagem do sujeito gaúcho como habitante dos pampas, corajoso, destemido, menciona suas mudanças de concepções ao longo dos tempos, mas atualiza a definição do verbete dando mais características ao sujeito gaúcho.

O que se percebe nesse dicionário é a manutenção do sentido da imagem do sujeito gaúcho, mas também a atualização de sentidos, visto que esse dicionário é dirigido a um sujeito-leitor do século XXI.

O *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* traz a definição de gaúcho em 16 páginas; o sujeito dicionarista busca suas referências em literatura, pesquisadores e músicas tradicionalistas. Ao decorrer dessas páginas, o sujeito dicionarista diz, repete, mantém, exemplifica a definição de gaúcho. Traz o verbete como substantivo e adjetivo. As primeiras três acepções designam o gaúcho como “*habitante do Rio Grande do Sul*”; “*habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras*”; “*habitante da Argentina e do Uruguai [...] com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses*”. Após essas definições que marca o verbete como substantivo, aparece a palavra “*primitivamente*” em que introduz uma adjetivação do sujeito gaúcho; segue a acepção a respeito da etimologia. Para marcar sua posição, o sujeito dicionarista, acrescenta ao verbete exemplos de outros textos, de outros autores. O que destacamos com isso é a importância de conservar a imagem do sujeito gaúcho sempre tão presente nos dicionários.

Considerações finais

Nessa reflexão inicial sobre a dicionarização do sujeito gaúcho, podemos observar que, tomados dicionários de diferentes épocas e produzidos por diferentes sujeitos dicionaristas, há manutenção e atualização dos saberes. Olhando o dicionário como objeto discursivo, têm-se efeitos de sentidos diferentes sobre o mesmo verbete.

Nesse breve estudo sobre a dicionarização do sujeito gaúcho, reflexionamos sobre a constituição e institucionalização dos dicionários para perceber como se dá essa imagem do sujeito que se diz gaúcho e tem seu próprio linguajar. Podemos observar que a representação do gaúcho foi se alterando, tomando diferentes concepções e isso é institucionalizado nos dicionários.

Assim como a língua se modifica, movimenta-se, o dicionário não conseguirá apreender tudo, por isso verificamos a produção e circulação de sentidos.

Os dicionários, conforme Auroux (1992), são instrumentos discursivos estabelecendo relação entre sujeitos e saber lingüístico. São instrumentos de reprodução de um imaginário, produzidos com uma história; um espaço de circulação de saberes. O funcionamento discursivo presente nesses instrumentos remete a uma produção de sentidos entre língua e sujeito.

Referencias bibliográficas

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992
- NUNES, José Horta. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: Orlandi, Eni (org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 101-109.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. in **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 61-161, 1990.
- PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. **Revista Letras**. Nº 37. P. 227-243. Jul/Dez, 2008.

PETRI, Verli. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. P. 329-336.

PETRI, Verli. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. **Revista Línguas e Instrumentos** Lingüísticos. Nº. 23/24. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao23_24/edicao23_24.html>. Acesso em: 01/10/2010.

Dicionários utilizados como objetos de análise:

Dicionário Gaúcho Brasileiro. BOSSLE, João Batista Alves, Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2003.

Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. NUNES, R.C.; NUNES, Z.C.; 2 ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

Vocabulário Sul-rio-grandense. Rio de Janeiro, Porto Alegre: Ed. Globo, 1964